



ABRAPSO EDITORA

# OFICINANDO EM REDE

## CO-HABITAR

# TEMPOS IMPOSSÍVEIS

ORGANIZAÇÃO

Vanessa Maurenre e Cleci Maraschin

# **OFICINANDO EM REDE CO-HABITAR TEMPOS IMPOSSÍVEIS**

ORGANIZAÇÃO

Vanessa Maurenre

Cleci Maraschin



**ABRAPSO EDITORA**

Florianópolis - 2023



ABRAPSO EDITORA

**Editora Geral**

Andrea Vieira Zanella

**Editora Executiva**

Ana Lúcia Brizola

**Conselho Editorial**

Ana Maria Jacó-Vilela – UERJ

Andrea Vieira Zanella - UFSC

Benedito Medrado-Dantas - UFPE

Conceição Nogueira – Universidade do Minho - Portugal

Francisco Portugal – UFRJ

Lupicinio Íñiguez-Rueda – UAB - Espanha

Maria Lúcia do Nascimento - UFF

Pedrinho Guareschi – UFRGS

Peter Spink – FGV



A Editora da ABRAPSO adota a licença da Creative Commons CC BY:

**Atribuição-NãoComercial-SemDerivados - CC BY-NC-ND:**

Esta licença é a mais restritiva das seis licenças principais, permitindo que os outros façam o download de suas obras e compartilhem-nas desde que deem crédito a você, não as alterem ou façam uso comercial delas.

Acesse as licenças: <http://creativecommons.org/licenses/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Oficinando em rede [livro eletrônico] : co-habitar  
tempos impossíveis / organização Vanessa Soares  
Maurente , Cleci Maraschin. -- 1. ed. --  
Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88473-25-2

1. COVID-19 - Pandemia 2. Educação 3. Psicologia  
educacional 4. Políticas públicas 5. Saúde mental  
I. Maurente, Vanessa Soares. II. Maraschin, Cleci.

23-172617

CDD-370.15

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicologia educacional 370.15

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Realização*



*Financiamento*



*Apoio*



*Projeto gráfico: Arnaldo Bublitz*

*Imagem de capa: Ali do Espírito Santo*

*Design de capa: Ali do Espírito Santo e Arnaldo Bublitz*

# ENTRE HISTÓRIAS, ENTRE MÃOS: REVERBERAÇÕES DE UMA OFICINA DE UMA-A-UMA

Thais Gomes de Oliveira  
Vanessa Soares Maurense

## INTRODUÇÃO

*[— E aí, minha véia<sup>1</sup>. — É como se em um segundo eu me sentisse em casa – o que de fato eu estava – mas digo de um estar em casa na linguagem. Ela me recebeu de palavras abertíssimas. — E aí querida — dá pra dizer que aqui já perdi a postura? Ou que ganhei? — Obrigada por me receber e por topa conversar comigo. Eu sou psicóloga, também sou mestranda em psicologia social e institucional, sou contadora de histórias e a gente vai trocar histórias, eu e tu. Guardo aqui comigo uma história que quero te contar, mas antes quero saber de ti. Que história que tem a ver com cuidado, maternidade e pandemia que tu tem vontade de compartilhar comigo?*

*É assim que a história que envolvia a perda de um primeiro filho, as idas a casas diferentes para vender salgadinhos e docinhos, os trinta e poucos anos de uma mulher negra, agora universitária, em dois cursos de graduação; é assim que essa história começa: a habilidade em ser “do corre”, a vontade de estar próxima das histórias das pessoas e a necessidade de estar cuidando de sua mãe e de seu filho; a pré-eclâmpsia, os médicos, a demanda de parar de trabalhar com cozinha, já que faz calor e que se precisa trabalhar de pé, e a vontade de que seu filho Ricardo pudesse viver. — Minha véia, quando a gente é do corre a gente faz o que precisa].<sup>2</sup>*

1 Os grifos em itálico correspondem à “conversa” entre participante e pesquisadora.

2 Os trechos apresentados entre colchetes são citação direta da dissertação de mestrado intitulada “*Maternidades em redes: contar histórias com cuidados no cenário pandêmico brasileiro*”, trabalho que dá base ao presente texto e foi escrito pela autora e orientado pela coautora.

Contar histórias é abrir campo de possibilidade para a disrupção. Essa é uma provocação que faz parte da premissa deste texto, em que percorremos um caminho que considera a contação de histórias como ato relacional, de modo que contar histórias implica também escutá-las. Nesse entremeio que acontece a proposição metodológica do “entre mãos”, o qual versa sobre a invenção de uma oficina e de um modo oficineiro de habitar a pesquisa acadêmica que prescindia da necessidade do trabalho grupal. Essa foi uma demanda, em um primeiro momento, do próprio campo e do período histórico que atravessou a pesquisa de mestrado, concluída em fevereiro de 2022 e que dá corpo ao presente texto. Em decorrência dela, experimentamos um exercício metodológico que articulou diferentes campos de conhecimento e que se desenha como uma possibilidade de intervenção também em outros contextos.

Trata-se de uma pesquisa-intervenção que produziu histórias contadas e escutadas por diferentes mulheres ocupadas do cuidado de crianças durante a pandemia causada pelo coronavírus. O pressuposto foi de que a demanda pela contação de histórias, nesse contexto, se consolidava: além do que, as pessoas mais ocupadas do cuidado estavam em contexto de isolamento social, físico e narrativo, essas histórias se tornavam, mais uma vez, um assunto “doméstico” — em que doméstico se torna equivalente às palavras “privado”, “restrito”. Consolidada a demanda pela contação de histórias na hipótese da pesquisa, a escuta viria a chegar como a contrapartida que estabelecia a possibilidade do jogo e do ato de oficiar: em um contexto de isolamento social relativo. De modo que neste contexto, inclusive, a grupalidade exige novas invenções e estratégias para a possibilidade de um viver coletivo e coabitado.

O texto se debruça na experiência de elaboração de uma delicada proposta metodológica, baseada na aposta de criação de uma coletividade por meio da contação de histórias passadas de mão em mão, acolhendo a proposição feita por Donna Haraway no jogo cama-de-gato, prática que será mais elaborada no decurso do texto. Para isso, propõe-se diálogo entre psicologia social e estudos feministas. Essa estratégia evoca a implicação da pessoa pesquisadora e a participação de quem se disponibiliza a participar, abrindo espaço para histórias florescentes que pensem mundos mais possíveis, sustentáveis, cuidadosos e cuidados. Serão contados trechos da oficina em questão, que fazem parte do entretexto de uma pesquisa que se propôs a escutar, ou seja, serão compartilhados detalhes e pequenas histórias produzidas em, e relacionadas a, uma pesquisa. Dela, elegemos situações que nos evocaram a contar, de novos modos, a estratégia metodológica que se forjou como um jogo em si mesmo. Serão dois momentos, um em que as histórias são contadas em trechos e comentadas, e um em que nos encontramos com os conceitos que possibilitaram a estratégia.

As malhas narrativas entrecruzadas perpassam as histórias contadas e escutadas por Mira, Cibele, Juliana, Raíssa e Bianca, por mim, Thais, e também por duas mulheres que trabalhavam em estabelecimentos distintos e que, ao acaso, me contaram histórias sobre cuidado de crianças no auge do ciclo pandêmico. Bianca, Mira, Raíssa, Juliana e Cibele são participantes, contadoras e escutadoras que se dispuseram a cocriar o método que seguiremos apresentando nas páginas seguintes. A mim, Vanessa, as histórias chegavam através de Thais, e reverberavam em nossas orientações, intensas discussões que integravam nossas leituras, perspectivas metodológicas, entendimentos sobre a narratividade, mas também nos acoplamentos digitais característicos do período pandêmico, dado que praticamente todos os nossos encontros foram virtuais. Além disso, durante este período, que teve duração de um ano e meio, eu estive em casa com meus dois filhos de quatro e sete anos, na ocasião, longe de minha rede de apoio, trabalhando remotamente e ajudando-os no ensino remoto. Apesar de todos os privilégios que tinha, e muitas vezes justamente por isso, as narrativas de outras mães me tocavam de forma peculiar.

## **QUE TEMPO-ESPAÇO FOI ESSE?**

Hoje é dia de vinte e cinco de setembro de 2022 e abro escrita em um apartamento que fica na região central de Porto Alegre. As máscaras são cada vez menos frequentes de serem vistas, mas ainda as vemos. As reuniões *on-line* são menos comuns, mas continuam. A universidade que ofereceu chão (metafórico) para esta pesquisa<sup>3</sup> retomou a presencialidade física. A quarta dose da vacinação já se encontra para a casa dos 20 aos 30 anos. As escolas e creches retomaram normalmente suas atividades. A pergunta constante sobre abertura e fechamento e sobre oscilação do funcionamento de serviços e de comércios foi estancada. Praticamente, estamos aqui conversando na condição de sobreviventes da pandemia causada pelo novo coronavírus.

Não faz tantos meses que o cenário foi sendo redesenhado e que fomos gradativamente percebendo que o campo mudou. Que shows e palestras e festas e abraços e feiras, e convivências, de modo geral, retomaram seus lugares, e tomamos conhecimento de que as redes de afeto, apoio, solidariedade e cuidado poderiam acontecer novamente, de perto.

Conversamos a partir da condição de sobreviventes e de contadores-escutadores de histórias de um período recente de completo desconhecimento e de perdas múltiplas. E nessa articulação, conto que este é meu primeiro texto que pode ser considerado pós-pandemia: o que pode parecer uma nostálgica digressão não solici-

3 O presente texto é escrito em vinculação com o NUCOGS (Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas), grupo parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que abriga pesquisas e investigações de estudantes de graduação, de mestrado e de doutorado, além das/os professoras/es pesquisadoras/es.

tada para a temática e proposta do texto, e é também a articulação da proposta em si, já que importa qual o ponto de partida de cada pessoa que participa. A pesquisa aconteceu em um cenário de isolamento social relativo que nos demandou registros situacionais e consolidou uma forma de apreço pelo texto acadêmico também tendo estatuto de documento histórico — uma pesquisa de contação de histórias em uma pandemia, afinal. E neste texto inaugural pós-pandemia é crucial contarmos que as invenções a que nos propomos precisam ser contadas para que nos localizemos no tempo e no espaço e para que valorizemos, embora com dificuldade, que continuamos atravessando uma experiência humana e mais-que-humana que estremeceu as nossas perspectivas de vida, de morte, de narrativa.

O esquadro do que a pandemia causou é maior do que o que nos propomos a contar aqui neste pequeno texto. Contudo, a articulação de acontecimentos que nos convida à escrita se dá entre esses termos: crianças, cuidado, maternidade, isolamento social, redes. Ou seja, nesse período a pesquisa se debruçou sobre as contações de histórias possíveis que narrassem as ferramentas forjadas para lidar com um campo impossível: como promover práticas cuidadosas de si e das crianças quando as redes de promoção dessas práticas se tornaram risco de infecção e de contaminação mútuas?

## ECOLOGIAS DO CUIDADO

A necessidade de construção de uma pesquisa de campo *on-line* se sucede em decorrência da convivência humana com o coronavírus. Ou seja, se trata da habitação da vida com uma espécie de organismo que habita e debilita o corpo humano e que incide justamente na possibilidade de convivência física entre humanos. Se nós nos aproximamos mais, a covid se espalha mais — e melhor — entre nós. Cria-se um jogo em que tentamos que ela não se espalhe e, para isso, ficamos, o quanto mais possível, restritos às nossas casas e em convivência presencial humana radicalmente diminuída.

Forjamos perguntas durante o período recente mais denso, e que também resultou na dificuldade de propor pesquisas com humanos que versassem justamente sobre este espaço-tempo. De que modo os vírus se articulam com as vivências, se incrustam e se associam com a possibilidade humana material e narrativa? Como explicitam e acirram modos de vida? Aqui, portanto, estamos partindo de algumas premissas que correspondem ao campo de estudos sobre cuidado e que se fizeram problemáticas evidenciadas durante a pandemia: o cuidado atravessado pela moralidade, pela subjugação de alguns corpos em detrimentos de outros, pela desvalorização dos conhecimentos e das técnicas que são ensinadas-aprendidas majoritariamente entre mulheres e sobretudo desenvolvidos gratuitamente ou de maneira sub paga por mulheres negras. A partir dessa consideração que embasa o texto, questionamos o que o cuidado fala sobre as condições do mundo, de fazer mundos juntos e

em colaboração intensa (Bellacasa, 2017); bem como o que o cuidado fala sobre a percepção do mundo das relações entre pessoas, técnicas, objetos, seres.

Dizendo de outro modo, a oficina de uma-a-uma se trata de um jogo de contação de histórias sobre modos de arranjar o cuidado coletivamente, tendo as mulheres-mães como narradoras, as crianças como protagonistas, a pesquisadora enquanto escritora e escutadora e todas as outras espécies companheiras, e os objetos e as invenções companheiros como atores e atrizes da cena: o supermercado é personagem, o conselho-tutelar, as avós, a escola, o recreio, a morte, a alimentação, as outras crianças amigas, o trabalho, o dinheiro, os celulares, as videochamadas incessantes; o mínimo e o máximo dos detalhes da vida cotidiana naquele período histórico.

Esse modo de considerar rede é também presente com as autoras Dell’Aglio e Machado (2021), com quem encontramos esse termo, interdependência, que é parte da condição humana, a relacionalidade intrínseca.

Ou seja, os adultos cuidadores nunca são “independentes” ou por si só autônomos, uma vez que o trabalho do cuidado nunca se faz sozinho. É necessária uma rede. E entendemos que essa rede é formada por diversos serviços, sejam eles oferecidos pelas políticas públicas, como a escola, a limpeza urbana, a construção de praças e espaços de convivência, aqueles prestados por contratação – os quais podemos pensar que evidenciam as desigualdades ou, ainda, aqueles que acontecem por proximidade, troca de favores, negociações, vizinhança, amizades, famílias. (p. 13)

Essa noção de rede é também acompanhada do pensamento de Bellacasa (2012), que propõe o cuidado não como uma prática em si, que seja ontologicamente definível, mas como o engajamento de múltiplos atores e atrizes na produção relacional do cuidado. Pensamos o termo, entre tantos significados que pode ocupar, enquanto verbo, enquanto prática — de modo que cuidar é inventar arranjos de possibilidade para a vida humana e mais-que-humana, afirmando a heterogeneidade da rede. Assim, o termo significa produzir as condições de engajamento em tarefas múltiplas que oportunizam o viver coletivo coabitado (Bellacasa, 2017). Propomos uma concepção ecológica de cuidado — que considera a rede, a sustentabilidade material para o cuidado de todas as pessoas em rede envolvidas para a possibilidade da vida de crianças. E, metodologicamente, a pesquisa se dispõe a contar minúcias das praticidades do cotidiano como os artifícios inventados que são o resultado em si da investigação, em que a história contada na pandemia, por essas pessoas, informa o que de fato se inventou — tomando que inventar é constituir novos modos de si e do mundo a partir de campos problemáticos, podendo ser, também, um cuidar — neste contexto histórico. Ou seja, nós fazemos aqui uma estratégia que inclui a propositividade dessas mulheres frente à vida e à morte.

A Oficina de uma-a-uma se dispõe a uma prática que contraessencializa a maternidade e o cuidado. De modo que as ferramentas teórico-conceituais utilizadas para forjar o método se ancoram e se movem a partir de teorias feministas que interseccionem localidades políticas como raça, classe, gênero, heteronormatividade compulsória e toda outra que normatize o que pode ser considerado cuidado. Faz-se importante a consideração de que o fenômeno da procriação humana é dissociado de qualquer vivência ou perspectiva normativa. Mesmo que abarque majoritariamente — nesta pesquisa e talvez na existência — experiências heterossexuais, gestações de mulheres cis, maternidade é um termo-chave que abriga experiências e narrativas múltiplas. Um fenômeno humano e mais-que-humano que envolve atores e atrizes muitas, de maneiras distintas e que é uma questão de todas as pessoas.

Mesmo que um acontecimento possa ser narrado a partir de diferentes vozes e corpos e que aqui sejam evidenciadas perspectivas de mulheres relacionadas ao termo “mãe”, outras pessoas narradoras poderiam fazer a composição da troca de histórias, inclusive, por exemplo, as próprias crianças. A narratividade protagonizada pelas mulheres ocupadas do termo “mãe” se ancora na percepção da massividade com que essas sujeitas foram incumbidas de determinada função: história longa acerca da feminização do cuidado, que envolve as crianças e também toda a ideia de manutenção da vida humana, o cuidado das funções básicas — de base — de alimentação, reprodução e cuidados gerais em saúde, educação etc. Ou seja, assumiu-se, nesta estratégia, a autoria da contação da história pelas protagonistas da invenção do cuidado, mesmo que desconsideremos que algum grupo de pessoas seja mais ou menos responsável ou hábil — necessariamente — por um conjunto de técnicas e de métodos que inventam cuidado relacionalmente. Trata-se, portanto, de uma figura que é performada intencionalmente, uma espécie de estereótipo, que informa vidas humanas materialmente e que produziu que as mulheres ocupadas da maternidade tenham vivido radicalmente isoladas na função do cuidado de crianças durante décadas ou séculos, e, de modo específico, durante a pandemia causada pelo novo coronavírus.

Entendendo que contamos qual contexto abrigava a criação da metodologia em questão, veremos quais ferramentas — teóricas, conceituais, práticas — acompanharam a pesquisa e a escrita do texto. Bem como quais foram instrumento para qualquer invenção e possibilidade de jogo e de troca de histórias.

## **TELEFONE-SEM-FIO**

A proposta buscou modos possíveis de coletivizar histórias que estariam restritas ao campo considerado “privado” das casas das pessoas, dos detalhes mais ínfimos e radicais do cotidiano de pessoas adultas e de pessoas crianças durante a pandemia iniciada em 2020. Na radicalidade deste espaço-tempo, o encontro com teorias

distintas foi interseccionado e essa mutação resultou uma metodologia. Aqui contaremos a história da invenção do procedimento, e iniciamos com Ursula K. Le Guin.

A teoria da sacola, ou bolsa, na contação de histórias (*carrier-bag of storytelling*) é uma proposição de Le Guin (2020): partindo do pressuposto histórico de que os primeiros artefatos inventados por humanos seriam as lanças e outros objetos perfurocortantes, a autora evidencia as sacolas como outro objeto de tamanha ou maior importância para a história da humanidade. Assim, o ato de carregar é valorizado tecnicamente, considerando que as colheitas feitas demandaram ser levadas de um lado a outro. Essa história, contada aqui brevemente, é um ponto de partida para que a autora — e cada uma de nós — questionemos o ponto referencial do que é considerado heroico e extraordinário, do que é considerado de pouco valor, ordinário. Esse questionamento faz parte do que propulsionou nossas investigações, visto que a usualidade dos dias traz em si uma valorização ainda mais radicalizada durante o tempo-histórico que acompanhamos.

Nas nossas sacolas e bolsas carregamos diferentes ferramentas para a composição que apresentamos. Uma delas é a pesquisa-intervenção, uma teoria metodológica importante para a psicologia social: é uma ferramenta de bastante densidade, mas que podemos contá-la resumidamente de alguns modos. Em pesquisa-intervenção se busca a construção de espaços de problematização coletiva, sendo uma forma de pesquisa que discorda de lógicas modernas de operação científica e que propõe a ampliação de bases teórico-metodológicas que buscam transformar realidades sociais-materiais (Rocha & Aguiar, 2003). Para a construção de um método de pesquisa em psicologia social com perspectiva feminista e que se ancore também na contação de histórias, a pesquisa-intervenção auxilia na construção de práticas implicadas e implicativas e que podem inventar e reinventar campos múltiplos de vivência e de problematização. É nesse imbricamento teórico e prático que encontramos a oficina como uma das ferramentas que passa a compor a sacola que carregamos.

As oficinas têm como uma de suas facetas a potencialização de tessituras de rede de conversações escritas (Demoly, 2011), bem como pode ser utilizada para atuar na construção de sistemas narrativos ampliados. No encontro com as participantes da pesquisa, busca-se uma disposição para o encontro com histórias distintas que vão sendo contadas aos poucos, ou seja, essa rede de tecidos e de camadas de palavras é construída artesanalmente. Em um campo denso de disputas, como o que investigamos, a criação de linguagens plurais que sustentem a diferença é uma das entradas para a invenção de mundos que nos interessem viver. Existem muitos modos de propor a prática coletiva de oficinas enquanto ferramenta que amplia repertórios de coordenações de ações, de modo que possibilitam a emergência de novas linguagens (Lopes & Maraschin, 2011).

A partir dessa combinação de pistas, tomamos por inspiração inicial a analítica que a autora Donna Haraway propõe acerca do jogo cama-de-gato. Um jogo antigo

de “passa-a-passa” em que a cada vez que passa por alguém, tem-se a possibilidade e a responsabilidade de criar novos padrões, bem como rupturas. No diálogo com a oficina, esse jogo se torna um exercício que tem como propulsor a atividade de receber e de passar histórias de uma a uma. Passar e receber padrões sendo que, a cada vez que se repete o ato de passar ou receber, existe a possibilidade e a responsabilidade da atualização. Ou seja, a cada vez se pode produzir uma ruptura, uma disrupção, uma quebra. Transforma e passa. Transforma e passa. Aqui retomamos um outro trecho da referida dissertação, em que discutimos a cama-de-gato que, na obra de Haraway, é chamado *string-figure* (figura de cordas) e

[é] também um método de rastreamento em que importa o processo, a continuidade. Trata-se de um passar e receber, de um fazer e desfazer, pegando e soltando as cordas, com responsabilidade pelo padrão que recebemos e também por aquele novo que deixamos se criar em nossas mãos. Nesse processo de dar e de receber padrões, soltando tópicos e falhando, mas eventualmente encontrando algo que funciona, algo novo, talvez bonito, que não estivesse ali antes: algo que se produz nesse passar. É um jogo que pode ser jogado por muitos, desde que o ritmo de aceitar e oferecer seja sustentado; um jogo muito antigo que acontece e aconteceu de diferentes formas, em diferentes localidades. É um jogo arriscado de criação de mundos e de histórias — o que é articulado a permanecer no problema. (Oliveira, 2022, p. 30, citado Haraway, 2016)

Desse modo, a oficina de uma-a-uma é uma proposta conduzida por uma das pesquisadoras, em que cada encontro com uma das participantes gera distintos modos de produção que serão atualizados para o seguimento da troca de histórias. Uma proposta que também abarca seu risco e que permanece com problemáticas importantes, visto que interdepende das participantes e de suas histórias, e que suas histórias são livres para habitar problemáticas que concernem a questões importantes e pertinentes: como suas ideias sobre a abertura e o fechamento das creches, suas noções políticas e de vida coletiva, suas percepções frente à vacina etc.

A noção de figura então se torna fundamental. Tomando como pressuposto de que estas repetem e que informam espécies de moldes, de possibilidades restritas de estar em relação com padrões existenciais. Nessa articulação, figurações, para Haraway (1992), tornam-se fabulações materiais e semióticas, que designam situações concretas para evocar problemáticas, que, por sua vez, demandam produções disruptivas, ou seja, criação de novas gramáticas. As figurações são criadas no compromisso de suspeitar de repetições e de fundações transcendentais (Haraway, 1992, 1997). No contexto específico que habitamos, se às mulheres, que são mães, são associados rapidamente estereótipos que normatizam suas existências frente ao cuidado, à maternidade, à sacralidade, as figurações se atentam à invenção e à

reprodução dessas ideias, propondo perguntas que outorgam autoria, presença e parcialidade para a construção de respostas de temporalidade limitada e também de novas perguntas que façam produzir novas histórias.

A apropriação da ferramenta também acontece por meio de um termo amplo, que é o da contação de histórias. Tarefa cotidiana e inventiva, que mexe com as possibilidades humanas de especulação e de registro histórico e que mobiliza coletivamente a produção de campo comum. No diálogo com bell hooks vemos que “contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade” (hooks, 2010/2020, p. 89). A autora conta sobre a importância que histórias consideradas pessoais têm para a estruturação de um argumento no campo científico. Para nós, autoras,

o ato de contar histórias desvela vícios epistêmicos, de forma que a história do sujeito ora considerado universal é repetida tantas vezes na produção de um suposto discurso hegemônico. Assim, contar histórias situadas que perpassem a pluralidade de mais experiências se faz numa política que rompe com a unicidade, apostando na fronteira e na hibridez como forma de produzir uma política cuidadosa e feminista. (Oliveira & Maurenre, 2022, p. 191)

A partir, também, da noção de objetividade feminista em Haraway (1988/2009) — e que é também articulada em outras nomenclaturas por grande parte de diferentes teorias feministas na produção de conhecimento, dos feminismos negros, descoloniais, lésbicos — o ponto de vista narrativo é crucial. A perspectiva situada tem questionado a suposta neutralidade científica e tem possibilitado avanços em pesquisas feministas que evidenciam a narrativa e o contexto histórico, bem como a presença das pessoas pesquisadoras.

Cada uma das participantes escutou uma história que foi escrita com base em uma das histórias escutadas anteriormente. Esses encontros aconteceram por meio de conversas que pudessem se aproximar de um campo narrativo livre e que convidassem à fala, bem como à escuta de histórias outras, que são diferentes e que evidenciam problemáticas distintas, por vezes contrárias. Faz-se assim uma metodologia de coparticipação: retomamos a dissertação para um breve trecho:

[e]star em cena é perceber a participação. As histórias contadas no decorrer da pesquisa são produções que aconteceram através de um jogo de troca de histórias, em que a pessoa mais presente era, justamente, a pesquisadora. Em cena, também, ferramentas da psicologia social que fundamentam a ruptura de modelos únicos de habitar o mundo e as relações. (Oliveira, 2022, p. 34)

Faz-se uma forma de condução, visto que a cada vez que passa uma das histórias, a pessoa pesquisadora é ativada novamente no jogo:

[u]ma invenção contingencial e parcial que se faz estratégia metodológica e que se vale das SF, da pesquisa-intervenção e da contação de histórias para a produção de uma rede de histórias que são escutadas, escritas, tramadas no encontro e no entre-encontro. Entre-encontros que jogam com a contação, de modo que a oficina busca liberdades narrativas e possibilita exercícios de disrupção e de encontro com diferentes histórias. Há múltiplas formas de contar, como por meio da história de alguém, ou do relato de um único dia, ou de uma memória já difusa e recriada a partir da fala. A oficina não buscou conduzir ao ensino ou à apreensão de conceitos, nem mesmo perguntou se há um modo mais adequado de contar uma história. Não buscou a transmissão de códigos previamente definidos, de modo que as “regras” da cama de gato são radicalmente livres. As participantes, nessa metodologia que produzimos e que utilizamos, são tornadas coprodutoras da pesquisa; ou seja, trata-se de uma metodologia colaborativa em que as histórias passadas entre mãos são matéria-prima de toda invenção subsequente. (Oliveira, 2022, p. 34)

Elas, as mulheres participantes, coproduzem e tornam-se coautoras da oficina. Elas, com seus corpos, suas escutas, suas gírias, suas bocas e olhos, suas palavras e suas lágrimas. Casas. Celulares. Crianças. Pensamentos. Afetos. Elas cocriam e atualizam a oficina em si, somando todas as camadas de suas existências, convivências e contradições. De modo que, a Oficina de uma a uma se forja como metodologia colaborativa de produção científica e que demanda a atualização da rede envolvida para sua manutenção.

Trata-se da produção de um método propositivo que se deu na artesanaria narrativa, apostando em histórias que são radicalmente coexistentes. Nesse sentido, as problemáticas discutidas teoricamente são realmente evidenciadas em escala conjunta em que as perguntas dicotômicas não são suficientes, já que as problemáticas convivem. Na sequência do texto estaremos mais próximas de quais problemáticas coexistiram durante a pesquisa e uma pequena parte das histórias que entremeamos e pudemos contar.

## HISTÓRIAS QUE CONTARAM HISTÓRIAS

A primeira história criada em co-autoria aconteceu entre os meses de agosto de 2020 e junho de 2021. Antes do início da pesquisa de campo em si. Foram experiências de encontro na rua — algo mais raro naquele momento — os quais se valeram da disponibilidade da escuta de cotidianos e também da demanda geral pelo compartilhamento de histórias sobre cuidado. Duas pessoas diferentes contaram histórias que foram costuradas e ficcionadas e se tornaram a história

narrada para a primeira participante da Oficina. Foram feitas experimentações de escrita distintas e tentativas constantes de aproximação com as participantes que também se propusessem a uma escuta afetiva e política, considerando o denso cenário e o tanto de silenciamento que se produzia nessa esfera da vida.

Raíssa foi quem me cumprimentou pelo nome de “minha véia” e quem, com esse gesto, abriu campo para o que poderia vir a ser este modo de pesquisar afetuosamente. Trabalhadora autônoma, mulher negra, moradora da periferia de Porto Alegre<sup>4</sup>, ela se apresenta abertamente e conta com alegria de situações diferentes da vida, de sua história pregressa àquele momento, de sua relação com trabalho e emprego e também de preocupações em relação à saúde mental do filho que, naquele momento, continuava em situação de isolamento social; eles “ficavam em casa”. Ela contou tranquilamente de aspectos distintos da vida:

[Seja com o cuidado que desenvolve para a sobrevivência de sua mãe ou de seu filho, ou ainda em relação aos serviços domésticos da casa onde mora um companheiro, ou ainda em relação à impossibilidade de viver com os R\$ 1200 reais do auxílio emergencial, que foram tornados R\$ 600, que foram tornados R\$ 300, que foram tornados R\$ 150.]

Aqui a pesquisa abre campo para a discussão – radicalmente necessária – sobre as políticas de governo que foram assumidas em tempos de catástrofe, de uma crise social-sanitária-política que atravessamos e que reuniu diferentes histórias de uma tragédia. O auxílio emergencial foi um direito socioassistencial que foi sendo implementado e cortado bruscamente. Que histórias sobre cuidado se pode contar? Se tentássemos encontrar um ponto inicial, como o auxílio emergencial e o governo federal fazem parte da rede de apoio de Raíssa?

Acompanhando essa temática das políticas públicas, trazemos um outro trecho, cocriado com Juliana:

[Ela mesma faz a pausa: tem até uma outra história que aconteceu. — *As crianças em casa no meio do distanciamento social mais restrito, elas fazem muito barulho e a gente tava irritado e elas não paravam e a gente gritou bastante. Dá pra dizer que bastante mesmo. E aconteceu de que escutaram — a gente não bateu nelas — mas foi que chegou alguém do conselho tutelar lá em casa, queriam saber se tava tudo bem. Não imaginava que chegaria num ponto desses, sabe?*]

4 É importante situarmos que as localidades políticas das participantes não foram questionadas diretamente, de modo que a conversa em si abarcava questões que tratavam temáticas transversais. As localidades que são apontadas em texto foram nomeadas por cada uma delas. Além disso, não almejamos alcançar alguma totalidade de articuladores sociais da diferença, compreendendo a impossibilidade de tal investida. O que produzimos são histórias que se conectam com as localidades políticas nas conversas que perpassaram a oficina.

Desde um contexto de classe média, sendo uma mulher branca em uma família de pessoas brancas, ela não imaginava a intervenção de pessoas vizinhas e da rede socioassistencial em sua casa. Situação-limite que evoca diferentes questionamentos também sobre a rede. Considerando o isolamento social, é um modo de apoio em rede e de cuidado relacional a intervenção comunitária e estatal? Retomando a ideia da pesquisa de contação de histórias, essas perguntas servem para a continuação da problemática, visto que desconsideramos respostas dicotômicas e que buscamos permanecer no problema.

Aqui cabe ainda uma outra digressão: como cada uma dessas mulheres lida com o vírus? Esse vírus seria o mesmo para cada uma delas?

Seguindo o caminho dos encontros que fizemos no entre histórias, no encontro com Mira produzimos uma história que narra mais detidamente um detalhe cotidiano, em que o encontro com as regras e costumes escolares convida à readaptação da casa. Também a morte se faz um assunto mais direto e palpável, visto que existe um trabalho de luto importante acontecendo no momento em que nos sentamos juntas, de frente uma para a outra, *on-line*.

[Diz que é de cuidar, que cuida, que sempre cuidou. Quando pergunto de onde isso, como aprendeu, conta que dona Alba também era de ser assim. Olhava a todos, percebia muito, trabalhava fora e dentro de casa e a ensinou a costurar. Mira é uma mulher negra, de 62 anos, professora aposentada, viveu de ensinar-aprender, alfabetizar. E também foi escolhida por esse menino como mãe, mesmo não tendo filhos, e assim aconteceu. [...] A palavra mãe é uma das circuladas na história do cuidado dessa tia-avó. Uma outra professora. E no caminho da dinâmica, nesse momento ainda é julho e, cerca de uma semana depois, conheceremos a próxima contadora. Antes disso, penso, sento, escrevo. Preparo mais uma história com os traços das histórias que andei escutando.]

Um dos tantos pontos que importam na contação de Mira é sobre habilidades que envolvem práticas cuidadosas. Evidencia-se um dos modos de entender o cuidado como uma prática “de casa”, “doméstica”, “usual”. Em tantos territórios, em que uma simples placa de “Cuida-se” instalada provisoriamente na frente da casa de alguma mulher, em algum bairro pobre do país, revela-se como uma espécie de creche. Essa é uma das histórias sobre o cuidado que podemos contar, da relação escola-casa que se forja como espaços de produção de convivência, de educação e também desse ato de “olhar”, de reparar, de cuidar. Ela ia contando com obviedade que era alguém “que cuida”, e interpelo a história perguntando como aprendeu essas práticas, e é assim que segue contando de sua mãe, Alba. E dos ensinamentos que recebeu na prática da vida cotidiana. A história contada na dissertação de mestrado que embasa este texto continua, e nela Mira conta sobre

o falecimento de dona Alba, uma das mortes acontecidas durante a pandemia. Esse desvio feito poderia ter sido feito de várias outras maneiras, mas o ponto que evidenciamos, agora, é justamente esse: em uma conversa há um movimento de “passa-a-passa” que provoca uma mudança constante de caminhos, e foi a estratégia de condução da pesquisa por possibilitar, de modo específico, a atualização e a reinvenção dos caminhos narrativos em questão.

*[Diz que precisa cobrar para ter a participação do pai da menina, que precisa avisar, contornar. Mas que faz ele fazer. — Não é justo, sabe, que eu faça sozinha. Nem dá. Tem cada coisa. Sozinha com ela numa dessas, quando eu ainda não cobrava tanto, fiquei muitos meses pedindo supermercado de casa. Mas assim, sem ver uma pessoa adulta na minha frente. É bizarro, não tá bem isso.]*

*[...] Através das redes sociais, criou grupos de apoio entre mulheres também mães que compartilham vivências sobre maternidade-solo. — E isso que tenho trabalhado, comecei a falar sobre isso com um monte de gente. Tô certa de que, sem rede de conversa, pelo menos, não se possibilita essa função toda.]*

Na história entremeada com Cibele, também alguém do contexto universitário e uma mulher cis branca, a rede é acionada através de dispositivos tecnológicos. Em uma outra ideia de vizinhança, na qual diferentes mulheres participam com suas histórias, forjando um espaço que é de informação, de acolhimento, de troca. Contudo, provocando a questão das diferenças existentes entre cada uma das pessoas que cuida extensamente de crianças, em suas percepções, o dissenso se torna um dos componentes da rede. E, permanecendo com o problema, percebemos as diferenças de estratégias criadas para lidar com o vírus, as quais são diferentes também porque, mesmo sendo um organismo idêntico, o coronavírus apresentou formatos e acoplamentos diversos e se apresentou como variável, considerando o contexto humano de cada pessoa. Aqui, retomamos um pequeno trecho da história que contou Bianca, quando diz:

*[— Trabalho e já trabalhava com ensino a distância. Agora que falo, até parece engraçado... No meu setor todas são mães, a maioria mães de crianças. E percebo que temos um acordo tácito. Não fazemos o horário “cheio”, também não contamos pra ninguém, e nunca combinamos isso entre nós.]*

Bianca foi uma das participantes que iniciou a contação da história se anunciando como alguém com muitos privilégios, tendo um emprego formal estável,

sendo uma mulher cis e branca e tendo uma rede próxima. Nesse contexto, narra sobre uma outra modalidade de rede informal que se estabelece entre mulheres, para que elas consigam cumprir com horários estabelecidos pelas escolinhas e creches. Bianca é pedagoga e trabalha em uma escola. Quão longe estamos de perceber essas gambiarras e invenções também nas fábricas? Entre homens cis trabalhadores de serviços e indústrias e escolas diversas?

Cada história, em sua diferença contextual, foi também trabalhada pela pesquisadora-escutadora e contada. O que adiciona uma versão a mais na história contada pela participante. Assim, faz-se a troca de histórias. Que é também um convite à escuta de perspectivas distintas que possam atuar na dispersão e no florescimento narrativos. Como nas ideias que encontramos com Geni Núñez, em companhia de cosmogonia indígena, em que a perspectiva que cultivamos não é a única possível e que não buscamos a “conversão” de outras pessoas a qualquer perspectiva única, o que ela chama de monocultivo do pensamento (Núñez, 2021). A ideia de trocar histórias diferentes tem relação com a dispersão e a produção de narrativas coexistentes, distintas, que abarcam e sustentam, inclusive, a contradição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre histórias, entre mãos. Um jogo de palavras que considera mãos metafóricas, visto que estivemos em um percurso *on-line* de convivência, o qual contou mesmo foi com a linguagem e com alguma disponibilidade de contar e de escutar. A criação de um modo de estar narrativamente foi possibilitado pela curiosidade e pela espontaneidade em estar entre trechos, de modo que consideramos que o texto dá algumas pistas de como circulou a pesquisa de mestrado que o antecede. A intenção foi também de evidenciar o tanto de possibilidades que surgiram em decorrência da proposta da Oficina. É possível considerarmos que o período de isolamento atravessado foi inclusive um dos agentes da rede que formou a Oficina, bem como a covid, os celulares, os conceitos com os quais dialogamos, as notícias. Ao mesmo tempo em que havia tantas novas formas de parentesco, as redes de apoio destas mulheres-mães estavam fragilizadas pelo isolamento, como é evidente nas histórias trocadas. Se as histórias domésticas, e em torno de cuidados diários, já eram desconsideradas no campo público, a pandemia adicionou um fator de isolamento narrativo nesse imbricamento. O convite e o oferecimento de narrativas distintas, com traços de cotidianidade, foram aceitos por cada uma das cinco participantes, de modo que as histórias dessas mulheres foram escutadas, narradas e trocadas em um jogo que se propôs cuidadoso, de modo que elas compuseram um mosaico. São relacionais e relacionadas. Evocaram o presente da pandemia e arquivaram histórias tão ordinárias e fundamentais para o humano como as coletas de sementes, frutos e pequenos animais em bolsas, narradas por Ursula Le Guin.

Um dos pontos envolvidos na proposição da oficina foi a coletivização de questões que aconteceram em cada uma das casas e, para isso, foi importante que as participantes também se tornassem escutadoras de outras histórias. De forma que pudessem perceber diferenças e semelhanças e que também se entendessem como parte de uma rede: a criação de crianças e a manutenção da vida, a economia e a ecologia dos cuidados foi uma dimensão da vida largamente subalternizada durante a pandemia causada pelo coronavírus entre 2021 e 2022. Quem esteve ocupada desse fazer, de modo específico nesse período histórico, viveu uma diminuição muito complexa da rede, em que se somaram políticas estatais que dificultaram ainda mais um cenário que já era de desvalorização (Oliveira, 2022). Para possibilitar essa troca, a modalidade de conversa foi a estratégia escolhida, visto que propicia uma abertura narrativa para o oficiar, em que os afetos são bem-vindos, as respirações, as pausas, os vocativos, as risadas. Aqui, a liberdade narrativa e gestual que cabe à conversa se faz uma técnica. Dizendo de outro modo, buscou-se uma maneira de conviver e de coexistir, para que a montagem das histórias relacionadas pudesse alcançar algo da malha narrativa de alguma delas e, ainda assim, responsabilizar-se pela passagem dos padrões. Ou seja, que escutasse e narrasse na tentativa de não apropriação de histórias múltiplas e ainda assim se atentasse à responsabilidade que é continuar contando histórias mesmas, quando buscamos mundos florescentes. E nesse imbricamento convivem situações de grande complexidade, visto que a diferença de perspectivas que pode reflorestar mundos não é unicamente uma perspectiva progressista, de modo que escutar-contar é também um desafio às próprias ideias, por isso a importância das perspectivas que coexistem com a diferença e que tentam não produzir questões dicotômicas.

## REFERÊNCIAS

- Bellacasa, María Puig** (2012). Nothing comes without its world: thinking with care. *The sociological review*, 60(2), 197-216.
- Bellacasa, María Puig** (2017). *Matters of care: speculative ethics in more than human worlds*. Minnesota Press.
- bell hooks** (2020). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Elefante. (Original publicado em 2010)
- Dell’Aglio, Daniela Dalbosco & Machado, Paula Sandrine** (2020). Cuidado, branquitude e interdependência: responsabilidades em tempos de isolamento social. *Rev. Inter-Legere*, 3(28). <http://dx.doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28id208928>
- Demoly, Karla Rosane A.** (2011). Tecnologias em atos de escrita: quando o oficiar permite habitar outros mundos. In C. Maraschin, Deise Francisco, & R. Diehel (Orgs.), *Oficinando em Rede: oficinas, tecnologias e saúde mental* (pp. 205-225). Editora da UFRGS.
- Haraway, Donna** (1992). O humano na paisagem pós-humanista. *Rev. Estudos Feministas*, 1(2), 277-292.
- Haraway, Donna** (1997). *ModestWitness@Second\_Millennium.FemaleMan@\_Meets\_OncoMouse™: Feminism and Technoscience*. Routledge.
- Haraway, Donna** (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo é o privilégio da pesquisa parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 07-41.
- Haraway, Donna** (2016). *Staying with the trouble: making kin in the chthulucene*. Duke Press University.
- Le Guin, Ursula K.** (2020). *The carrier bag of fiction*. Ignota Books.
- Lopes, Graziela Pereira & Maraschin, Cleci** (2011). Oficina de máscaras. In C. Maraschin, Deise Francisco, & R. Diehel (Orgs.), *Oficinando em Rede: oficinas, tecnologias e saúde mental* (pp. 179-192). Editora da UFRGS.
- Maraschin, Cleci; Francisco, Deise Juliana, & Diehl, Rafael** (Orgs.). (2011). *Oficinando em Rede: oficinas, tecnologias e saúde mental*. Editora da UFRGS.
- Núñez, Geni** (2021). Monoculturas do pensamento e a importância do reflorescimento do imaginário. *Revista ClimaCom*, 8(21), 1-8.
- Oliveira, Thais Gomes** (2022). *Maternidades em redes: contar histórias com cuidados no cenário pandêmico brasileiro* [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS].
- Oliveira, Thais Gomes & Maurense, Vanessa Soares** (2022). Contar histórias com maternidades: por uma política feminista do cuidado. *Revista Feminismos*, 10(1), 189-205. <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/45208>
- Rocha, Marisa Lopes & Aguiar, Katia Faria** (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicol. Cienc. Prof.*, 23(4), 64-73.